

“Levados para um território desconhecido”

Férias nacionais de Comunhão e Libertação
Angra dos Reis, 28 a 31 de julho de 2011

Assembleia final – Domingo, 31 de julho de 2011

Bracco: Como ouvimos no canto “Al mattino”: “Eu sei que podes me fazer grande, Senhor. Que eu te veja, é esta a manhã”. Vamos pensar em como chegamos aqui, diante desta frase – “Levados para um território desconhecido” – e aquilo que aconteceu. Como é que eu penso nessa frase agora? Aonde Ele me levou? O que descobri? Que experiência eu fiz nesses dias? Eu fiz a experiência de ser levado para um território desconhecido? E, mais do que um território, o que descobri do meu, ou o que descobri da humanidade do outro? O que me marcou, o que suscitou em mim o que vivemos nesse tempo? Vamos testemunhar o que foram estes dias para voltar para casa com a grandeza do início, não do fim.

Colocação: Quando ontem cantamos “vou descobrir o que me faz sentir caçador de mim”, percebi que já sabia que a resposta era Cristo, mas Ele queria que eu experimentasse a sua companhia. E ontem, quando padre Aldo dizia: “Só quem encontrou Cristo pode entender a positividade da desproporção”, ficou mais intensa a pergunta da música em mim. Esses dias abriram a uma nova resposta e eu cito alguns fatos: o início do dia, ouvindo o Bracco; a forma como vivemos o passeio de barco que me permitiu gozar da beleza natural sem medo de que amanhã não vou estar diante dela, certo de Cristo, com uma tranquilidade sem posse; ver a paixão com que a Nena cuidava das coisas, como a atenção com o tamanho da letra para que eu lesse bem os avisos; ver o Zé Eduardo e os outros amigos que se empenharam para organizar os jogos. Eu posso identificar essas férias com um rosto: quem me faz sentir caçador de mim és Tu que me fazes agora.

Colocação: Primeiro eu quero agradecer ao Bracco e ao Julián pela proposta, porque pra mim não é óbvio estar aqui. Eu decidi na última hora e vim para verificar que amizade é essa entre Otony, Bracco, Julián, Cleuza e Zerbini. De onde nasce essa mudança nele, eu que o conheço há tantos anos? Essa mudança é estrutural. Amanhã, 1º de agosto, faz 20 anos que eu participei das minhas primeiras férias do Movimento, e quando acabou eu desejei divulgar isso na universidade (eu estava no 1º ano de arquitetura). Pensei que nesta semana vai ser inevitável contar para os meus amigos, colegas no trabalho e família, o que eu vivi nestes dias aqui, como foram bonitos e intensos. Logo no primeiro passeio de escuna eu fiquei pensando nessa frase, e pensava que esse desconhecido ia ser o que vou enfrentar na universidade, os projetos, etc, e a Miriã me falou que “esse território sou eu mesma”. Isso me ajudou a mudar o foco desse olhar, porque o maior trabalho que eu posso fazer é sobre o meu próprio eu. Eu, que sempre estive disposta a oferecer o trabalho ao Movimento, a servir, e continuo estando disposta, hoje entendo que o maior trabalho é sobre o próprio eu. Não é um trabalho fácil, porque é difícil olhar para si próprio. E essas férias representaram uma das pedras do caminho, aquelas em que você apóia o pé e se sente segura para continuar andando. Obrigada.

Colocação: Quando entrei na escuna fui imaginando o que seria esse território desconhecido, e, depois, na caminhada, fui percebendo que esse desconhecido era cheio de uma familiaridade, de uma beleza, de uma companhia. Quando voltamos para o barco eu quis servir o lanche para olhar de novo pra essa familiaridade. Era tudo muito próximo. E depois que eu servi as pessoas eu vi a Chiara com o latão recolhendo o lixo e pensei: “quero ser como ela, quero cuidar das coisas como ela”. Fui falar pra Chiara que tinha ficado marcada, pois o Bracco tinha dito de manhã: “Olhemos as pessoas, vejamos quem nos marca mais”, e fiquei agradecida de vê-la recolhendo o lixo e ela me respondeu que ficou agradecida de me ver servindo o empadão. Ali entendi como é verdade que a nossa companhia é feita destes pequenos testemunhos. Essa experiência na escuna me fez viver

todos os outros momentos com muito mais beleza, é como se eu descobrisse que eu sou feita pra essa beleza toda e que essa familiaridade tem que me acompanhar lá quando eu voltar.

Colocação: Desde o primeiro momento essa frase – “Levados para um território desconhecido” – me incomodou. Eu estou há anos no Movimento, mas sou um pouco resistente, e nesses anos fui tendo familiaridade com algumas palavras como certeza, certeza moral. Eu sou engenheira, então eu quero minimizar em certezas os riscos, e vocês me falam de desconhecido. Achei desconfortável, mas como Cristo falou “vem e vê”, eu vim e o que eu vi foi muito bonito: o hotel é de frente para o mar, fez sol, o passeio na escuna foi ótimo, e teve um “*a mais*” que foram as pessoas. Vi uma série de pessoas muito bacanas. E sobre a questão da incerteza, padre Aldo falou uma coisa muito bonita: “Você não sabe para onde está indo, mas Deus sabe”. Então, o que eu vi é que aquela palavra incerteza se transformou em novidade, em imprevisto. A minha experiência destas férias é que vieram coisas diferentes, imprevistas, e foi tudo muito bom, pois não teve incerteza, teve o convite a uma novidade depois de tantos anos no Movimento. Obrigada.

Colocação: Olhando para o que aconteceu aqui, para como as pessoas estavam nos jogos, para os testemunhos do padre Aldo, do Franco e da Grazia, percebi como a gente tem que viver o tudo ou o nada. Vi pessoas felizes, de um modo que não é comum, e essa felicidade só existe porque existiu uma entrega, desde o início, seja com a ida do padre Aldo ao Paraguai e o Franco e a Grazia desde o início do relacionamento, que eles não ficaram medindo, não ficaram se resguardando, mas viveram intensamente. Pelo que contaram não foi fácil, passaram por muitos sacrifícios, mas eles são felizes, e se eu não viver dessa forma não basta. A gente não consegue se entregar porque a gente fica no território conhecido, e é como diz a música *Canteiros*: “Tenho tido muitas coisas, menos a felicidade”. É isso que sobra quando a gente tenta viver só com os nossos planos. Não importa a forma – padre, leigo, casado –, quando você dá a vida por inteiro, esse território desconhecido é o cêntuplo depois. Para mim, olhar para essas férias tem sido descobrir que se eu me entrego é uma felicidade que não depende mais de mim, mas ela acontece.

Bracco: Eu queria agradecer pelo que vocês falaram até agora, porque temos que olhar sempre o que a gente viveu na experiência. Já aconteceu na nossa experiência estar diante de algo muito certo, como o se apaixonar e estar diante de uma pessoa fascinante. Mas, nesse sentido, a experiência mais certa que aconteceu abriu uma aventura, não abriu para um planejamento ou um balanço. O sinal mais verdadeiro de Cristo é que nos abre para uma aventura. É interessante ver como se desenrolou em nós isso. Havia o incômodo de ser levado a um desconhecido, mas aconteceu uma medida que se amplia, outro olhar. Ser levados não é ser levados diante de um nada, mas é ser levados como ontem no barco a um lugar que eu não conhecia. E o que isso gera? Gera uma gratidão e eu me apaixono ainda mais por quem me levou lá. É isso que faz Cristo. É um ponto certo que me abre a um desconhecido e é por isso que eu me apaixono mais ainda por ele. Quando começa a faltar essa medida que se amplia, essa aventura, aí Cristo começa a se tornar alguém que eu já conheço, algo chato. Posso até não ter coragem de dizer que é chato, mas no fundo não gera mais nada de novo na minha vida. Até que acontece algo como aconteceu com João e André, que se abriram a uma exploração do infinito a partir daquele rosto bem definido, de alguém certo, que não conheciam, mas estava claro que eles queriam que a vida deles dependesse dele, e de manhã acordavam e a primeira coisa que faziam era ir procurá-lo. E ele todos os dias os levava a um lugar desconhecido, e era o coração que se ampliava, era um alento, uma intensidade nunca antes vivida. Essa é a promessa que a gente quer experimentar junto. Essa é a promessa do Movimento. E não é algo que vamos experimentar no Paraíso, é algo para agora, pois foi isso que Cristo prometeu.

Colocação: Aconteceram muitas coisas, mas as férias pra mim foram marcadas pela Mariana, de 5 anos, filha da Silvana (de Salvador), pois cada encontro com ela era uma surpresa. No jantar com elas, toda a beleza desse hotel, a beleza dos passeios, era como se ficasse apagada diante da Mariana e da mãe dela. A experiência que ela vive, as coisas que ela contava era uma explosão de vida. E

ontem à noite, com as músicas e as danças, era como se esse espaço fosse o espaço mais bonito de Angra dos Reis: as pessoas dançando, as crianças brincando, a liberdade que era vista, é como se não precisasse do sol, da praia, da piscina, porque nós estávamos aqui dentro e as coisas aconteciam, e a beleza acontecia, e a vida acontecida e Cristo acontecia de verdade.

Colocação: Eu tinha muitos motivos para não vir, mas o Bracco me escreveu falando: “Você vai, vamos juntos”. E este estar aqui nasceu de uma provocação que vem de dois anos atrás quando o Carrón veio em São Paulo o Bracco me escreveu o que tinha achado daquele encontro e eu respondi que eu vi que a amizade do Centro do Movimento (que são pessoas) com o Carrón gerou um interesse e eu vi muitas pessoas mendigando para viver o mesmo e eu pedi para o Bracco não me deixar fora disso. A partir deste diálogo “virtual” eu comecei a participar de todas as provocações que vocês me fizeram e isso para mim é muito caro, pois percebo que não conseguia falar “não”, pois provavelmente é o único convite para mim mesmo. Percebo pessoas que têm interesse por mim que nem a minha esposa tem. E desse desejo de não ficar fora vejo a presença de Otony como uma resposta, pois ele tem sido uma presença que me lança nessa amizade entre vocês e nessa história. Uma coisa que padre Aldo falou me marcou muito, sobre a desproporção original. Vejo a desproporção diante do Mistério, mas também a desproporção diante de vocês, e desejo viver a mesma intensidade. E a minha história, a amizade e a proximidade com o Otony, me mostram o que significa essa mudança, essa vida nova. Estou aqui pra isso e vou continuar a estar aqui, e acho que é muito importante ter amigos que sempre te puxam para isso. Uma última coisa que me provoca é que sempre que encontro a Cleuza ela me pergunta: “Como você está?” E eu percebo que não é uma pergunta banal, é um saber como estou no íntimo, como estou vivendo essa relação com o Mistério. Essas são coisas simples, mas que a pessoa não pode perder, pois sem isso eu não consigo amar minha esposa, não consigo olhar meu filho, nem trabalhar, nem fazer nada. Portanto, eu agradeço.

Colocação: Para mim a experiência destes dias foi, de verdade, muito bonita, dias surpreendentes e muito intensos. Para quem estava ajudando a cuidar da organização, as férias já começaram há mais tempo, pois ao receber o nome de cada um já começava um relacionamento. Eu me surpreendi com o pedido para que cada pessoa que a gente tivesse inscrevendo pudesse encontrar esse rosto [de Cristo]. A semana passada foi difícil, pois tínhamos muitas preocupações. Então, meu pedido foi para que o Senhor estivesse junto: “Se não vem comigo eu não saio daqui”. Também decidir juntos cada passo, cada detalhe, foi fantástico. Quando fizemos o dia de passeio de barco, no final o Senhor não mandou um anjo para cuidar da gente, foi Ele mesmo que estava lá. E o êxito desse gesto é sempre um ponto de partida. Começar o dia seguinte depois de viver esses dias é carregado de uma Presença, que é a razão pela qual fazemos isso.

Colocação: Quero falar da amizade com a Claudiana e o Olavo. Uma família que me acolhe e tem sido uma referência para a minha filha, pois eu sou separada. Mesmo que a vida seja uma confusão, quando Cristo está presente você pode acolher a qualquer um. Eu ajudo a cuidar das crianças deles e nestes dias a minha amizade com a Claudiana se estreitou ainda mais, pois ela é uma pessoa muito espontânea, e a gente não fica julgando “você é assim”, mas vamos tentando viver a realidade, o que está acontecendo ali. Tenho também um filho de 15 anos que não frequenta o Movimento, diz que isso aqui é uma loucura, mas veio nestes dias e não quis ir ao passeio de barco. Ficou aqui no hotel e na hora que a Claudiana precisou ele apareceu e ajudou a dar almoço para as crianças. E hoje eu tenho uma liberdade muito grande em acolhê-lo. Eu estou aprendendo a amá-lo e a amar a liberdade dele mais do que o meu desejo de que ele seja do Movimento. Então foram dias em que meu coração esteve muito mais sereno do que antes, como esse mar que está calmo. Agradeço essa amizade e essa companhia.

Colocação: Quero agradecer muito a vocês por esses quatro dias aqui. Não consigo falar das férias sem falar da minha vida, que há três anos tem se deparado com essa questão do desconhecido muito

forte. Depois de muitos anos em que as coisas iam da maneira como eu sempre planejei, há três anos foi me pedido uma outra coisa, pra sair de mim. Você vai por um caminho e não dá aonde você planejou, aí você muda o caminho, muda a forma, usa toda a técnica, conhecimento, instrução, mas a realidade é diferente daquilo que você tinha planejado. E, assim, o desconhecido durante algum tempo foi sinônimo de medo, porque muitas vezes gera até uma dor física. Você acorda de manhã e se pergunta “qual é a pegadinha que o dia reserva pra mim?” E viver assim é muito ruim, é muito desumano. Temos conversado sobre isso em casa e eu venho me dando conta que Deus tem um amor muito grande pra mim. Ele está querendo me mostrar uma coisa muito grande e eu estou com o olho escancarado. E quando cheguei aqui fiquei surpreso com o tema do desconhecido. E o que mais me chamou a atenção na frase foi a palavra “levados”, porque significa que é algo que acontece fora de mim. E ninguém se deixa levar a troco de nada. Eu tenho me deixado levar porque me sinto amado. E mais uma vez me dei conta olhando para essa palavra “levados” de que o que vale na vida é ter essa certeza de ser amado, que Deus te ama e coloca pessoas na sua vida que te amam, então o resto você quer mais é que venha, você quer viver, você quer enfrentar. Isso não tira o protagonismo, porque eu preciso me deixar levar, não é uma fuga, mas não sou protagonista sozinho. Sou eu sim, mas no âmbito de um amor que eu não me lembro de ter experimentado antes. E ontem eu falava com a minha esposa de como essas férias, o milagre que está acontecendo aqui, tem impacto na minha vida, na nossa família, na educação do filho, nos relacionamentos. E essa é a prova de que não é uma falta de protagonismo, mas é um amor que te joga em cada relacionamento. Por isso, muito obrigado.

Colocação: Obrigado a todos. Nós viemos até aqui da Argentina para seguir padre Julián e para verificar se aquilo que eu encontrei encontrando Julián era verdadeiro. E é verdadeiro porque aqui encontramos coisas do outro mundo. A promessa de Cristo é verdadeira, se cumpriu. Aqui encontrei santos. E são de carne e osso. Padre Aldo é um santo, o caminho de Franco e Grazia é um caminho de santidade, mas também o de Julián, de Bracco, o nosso. E isso é uma reviravolta. E a certeza disso, como me disse Julián, é um ponto de partida que posso levar para os meus amigos em Córdoba. E com os meus amigos ali eu posso viver a mesma coisa, ou seja, que Cristo está presente agora.

Colocação: Logo depois que conheci o Movimento eu tive ocasião de ir à Itália e ali eu vi que eu estava dentro de uma história muito grande. Mas eu fiquei seduzida por outras coisas e fiquei 10 anos fora e voltei porque o Senhor me puxou pelos cabelos. Ontem na ciranda foi um momento muito lindo. E eu queria agradecer a todos vocês por me confirmarem que esta história é muito grande, que é um coração muito grande que nos abraça. Queria agradecer às minhas duas sobrinhas que estão aqui, que aceitaram vir conhecer esse lado da minha vida, e espero que elas possam ter enxergado essa história grande que elas também podem participar se quiserem.

Colocação: Eu vim muito desejosa de ver os fatos do Senhor na realidade. Especialmente me marcaram os testemunhos das noites, quando falaram sobre a dor deles. O Nembrini falou que aos 15-16 anos carregava uma ferida enorme, assim como o padre Aldo. Para mim o desconhecido que se fez presente é que eu não tenho que ter medo também da minha ferida, também da minha dor. E isso se revelou nestes dias pra mim. Diante da beleza natural, de tudo, eu entendi que a minha ferida é um ponto de partida, não é um problema. Então eu só preciso ter medo disso é de ficar com o coração adormecido. Quero agradecer a todos e peço ao Senhor para me ajudar a continuar essa caminhada tendo presente esse olhar que Ele me mostrou aqui, por meio dos fatos e do encontro com as pessoas.

Colocação: Quero agradecer o convite do Bracco, pois foi isso que me motivou a estar aqui. Depois queria desistir, mas vim. O que ficou muito claro pra mim nestas férias é que a qualidade da profissional que eu busco ser, a qualidade de filha, a qualidade de esposa, a qualidade da mãe que

eu vou ser é determinada pela relação que eu tenho com o Mistério, que eu tenho com Cristo. E essas férias me ajudaram com muita clareza a ver isso. Obrigada.

Colocação: Quando eu vim pra cá vim com um pequeno segredo, de estar grávida, pois eu queria esperar um pouco pra contar porque em 2007, nessa mesma época, nós perdemos um anjinho e o medo está sempre rondando. Minha filha fez 12 anos recentemente e a graça que ela pediu foi a de ter um irmão. Chegando aqui acabei contando. Se eu não confio que aquele aborto espontâneo foi Ele que me deu, e se eu não me ponho na mesma condição desse bebê, que é criatura, que depende, que é feito, se eu não sou igual a ele em condição, a vida é um peso. Somos levados para um território desconhecido, então eu peço que vocês rezem, pois pra gente é difícil confiar. Obrigada por estes dias.

Pe. Julián: Para mim estes dias foram para acrescentar a certeza de como Cristo é histórico, vivo, presente. A beleza destes dias é sinal de que Ele se aproxima, se aproximou e continua a se aproximar. É uma beleza que ajuda a renascer e a escancarar a nossa amizade. Acho que a maior parte de nós depois destes dias ficou mais amigos sem ter combinado nada, sem ter feito nenhum propósito sobre isso. Um sinal da presença do Mistério é que a nossa comunhão cresce, porque o sinal mais bonito da Presença de Cristo é a nossa amizade, a nossa comunhão. Uma comunhão que tem um caminho. Não ficamos preocupados porque acabam as férias porque a modalidade como vivemos esses dias podemos continuar a viver. Começar o dia apaixonados pelo início, como o momento em que rezamos todos os dias o Ângelus, certos e contentes porque Cristo está vivo. Amar essa história, que é uma história de liberdade, mas é também uma história de preferência que nos mobiliza a doar tudo, porque depois da beleza destes dias, a resposta natural é como eu posso aceitar Cristo que se aproxima da minha vida. E Ele se aproxima permanentemente. Ele quebrou toda a distância entre a santidade d'Ele e o nosso limite e as nossas sombras não são o juízo que define as coisas. Podemos estar no lugar mais maravilhoso e às vezes uma pequena sombra é o juízo que define tudo, e como isso é errado. Julgar é reconhecer a Presença d'Ele. E esta Presença é contínua. Se estamos felizes, certamente é porque Ele está vivo. E esta companhia é o que nos ajuda a reconhecer a descrição que muitas vezes Dom Giussani fez do encontro de Jesus com João e André. Isso vira o paradigma da nossa vida. Ele se aproxima todos os dias. Agora, nas férias, diante dessa beleza maravilhosa, mas sem a nossa companhia eu acredito que podíamos não ter reconhecido essa beleza. Eu ajudei a Cristiana a descer do barco. Ela é cega e me pediu para descrever o que tínhamos na frente da ilha. E ela estava tão contente escutando o que eu descrevia do que eu estava enxergando que entendi que a nossa companhia é sempre assim. Nós somos cegos do significado das coisas, e Cristo, através dos amigos, chega e nos ajuda a enxergar o que não somos capazes de enxergar.

Bracco: Eu estou muito comovido por aquilo que vocês falaram, mas também por quem não falou, mas dá pra ver que aconteceu algo excepcional. Agora quando nossa amiga estava falando da sua gravidez e desse medo que vem, pensei que é verdade que é difícil confiar, é difícil ter essa fé de Abraão, essa certeza. Mas estamos em um caminho e precisamos cada vez mais desse caminho, porque um passo depois do outro, temos a certeza de que um dia, se eu estou mal tem um outro que pode me puxar e no outro dia eu posso puxar o outro. O caminho me dá essa possibilidade de conhecer mais. Vi um outro que me revelou essa desproporção e amanhã busco ficar mais perto dele. Estamos num caminho em que é possível fazer isso, se eu decido mudar a vida, como João e André. Eles decidiram mudar a vida. O tempo não era mais escolhido como antes, ao que eles se dedicavam, quantos dias, quantas horas. Eles não podiam mais ficar sem aquela presença. E dentro daquele caminho, a cada dia crescia a certeza de que aquele homem ia realizar o desejo do coração, mas era dentro de um mistério, porque eles também viam que Cristo não salvava todo mundo, as pessoas continuavam morrendo. Mas tinham uma certeza que dia após dia se reforçava no coração, de que aquele homem era algo excepcional, que a salvação era outra coisa, que Ele mostrou depois. Porque aquilo que pode me dar certeza não é só que Cristo está vivo, mas que Cristo ressuscitou.

Cristo passou dentro desse medo que você tem, Cristo atravessou isso. Cristo entrou no coração, não para tirar o seu medo, mas para dizer que está com você. Nós todos aqui vamos rezar para que tudo dê certo com a gravidez, mas a primeira fé é que tem Alguém que vai levar tudo para um fim que é bom. Dentro de todos os dramas que estamos passando, das famílias, quando as coisas vão para onde não tínhamos planejado, mas dentro de um caminho Cristo te mostra essa certeza que Ele te leva a um porto seguro, que é a realização desse desejo de felicidade que você tem, e que as pessoas que você ama têm. Porque Cristo não é só um homem que está vivo. Ele é um homem que ressuscitou, Ele morreu de verdade, para que o Mistério não seja um ponto de interrogação, mas seja algo que eu posso olhar. Não tem alguém que me explica, como uma fórmula de matemática, mas Ele viveu isso, então eu posso viver essa certeza, que Ele não vai me ferrar.

Para concluir, leio um trecho da p. 41 dos Exercícios da Fraternidade: Para que isso se torne não algo já sabido, mas se torne constantemente uma experiência – nos diz Dom Giussani –, para que “o que se sabe ou o que se tem converta-se em experiência é preciso que aquilo que se sabe ou se tem, seja algo que nos é dado agora, que haja uma mão que no-lo oferece agora, que haja um rosto que vem avançando agora, que haja sangue que se derrama agora, que haja uma ressurreição que tem lugar agora. Fora deste ‘agora’ não existe nada!”. Que força adquirem essas palavras diante do que acabamos de descrever! Porque o nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, mudado, a não ser por uma contemporaneidade, por um acontecimento. Cristo é algo que está me acontecendo. Então, para que aquilo que sabemos, Cristo, seja experiência, é necessário que seja um presente que nos provoca e percute, um presente como foi para André e para João. O que é a mão que se estende agora? O fator mais importante na realidade de um povo é o que chamamos *autoridade*. É profundamente necessário que nós destruamos até a última pedra a imagem robotizada de autoridade ou de guia, quase como se estes fossem indivíduos fechados dentro de uma torre da qual lançam sinais, da qual guiam o andamento das coisas. A autoridade, o guia, é o contrário do poder, não existe nela nem uma vírgula da palavra poder. Por isso, diante do conceito de autoridade, está completamente ausente no povo de Deus, em qualquer nível, qualquer reflexo de temor. Ao poder corresponde o temor, e a pessoa, para se libertar do temor, deve estar pouco se importando com o poder. O que é esta autoridade? É o lugar onde a luta da profecia e a verificação da profecia são vividas; onde se desenvolve a luta para afirmar a resposta que a proposta de Cristo é para a percepção do coração; [a autoridade é o lugar] onde Cristo é experimentado como a resposta às exigências do coração. É o lugar onde o senso religioso é mais límpido e mais simples; por isto, a resposta não provoca temor, é mais pacífica. Pasolini diz em um texto que a pessoa educa os jovens com o seu ser, não com os seus discursos. A autoridade é o lugar onde o nexa entre as exigências do coração e a resposta dada por Cristo é mais límpido e mais simples, mais pacífico. *A autoridade é um ser*, não uma fonte de discursos. O discurso também é parte da consistência do ser, mas somente como reflexo. Enfim, a autoridade é uma pessoa vendo a qual se vê que o que Cristo diz corresponde ao coração. O povo é guiado por isso. O problema, então, é seguir. Isto é melhor indicado pela palavra *filiação*: uma pessoa é filha da autoridade”.

Depois desses dias, eu quero voltar e procurar pessoas assim. A autoridade não é o chefe do Movimento, não é o chefe da comunidade. A autoridade é alguém que eu posso encontrar, onde eu estou, que vive assim, onde aquilo que vivemos aqui se torna possível todos os dias. Esse é o desejo, que seja um início, e que este trabalho que começamos continue. Temos os textos e as pessoas. Precisa da decisão de cada um de nós para que a vida possa mudar, como mudou a vida de João e André.